

MOVIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UMA PESQUISA COM SUJEITOS TRAVESTIS

Methodological movements for a research with transvestite subjects

Yvets Morales*
Efendy Maldonado**

Resumo: O artigo propõe uma reflexão sobre as dimensões, categorias de análise e caminhos *transmetodológicos* para pensar e refletir sobre a cidadania comunicativa de sujeitos travestis em Porto Alegre, RS – Brasil. A partir de pesquisa exploratória foram possíveis encontros e desencontros para problematizar a configuração do sujeito pesquisador, a arquitetura do problema/objeto, o sujeito da pesquisa e o sujeito travesti comunicante. O resultado é uma reflexão crítica sobre pesquisa e sua construção em várias dimensões. Contemplando como horizonte metodológico a *transmetodologia* e o pensamento crítico, se realiza um diálogo interdisciplinar com autores da comunicação, da sociologia, da economia, da filosofia e da psicologia.

Palavras-chave: Metodologia. Transmetodologia. Sujeito comunicante. Pesquisa exploratória. Travesti.

Abstract: The article is a reflection on the dimensions, categories and trans-methodological categories, to think about and reflect the communicative citizenship with transvestite subjects in Porto Alegre, Brazil. During the exploratory research, it was possible to carry out encounters and disagreements to problematize the subject researcher's configuration, the architecture of the

* Comunicadora Social. Máster em Comunicação e Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona. Estudante no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC-Unisinos: doutorado Bolsista do CNPq. *E-mail:* <yvets44@hotmail.com>.

** Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, (USP). Professor Titular I na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2. Orientador de Doutorado. Cientista na área de Ciências Sociais Aplicadas – Comunicação. Professor Titular (Catedrático) no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC-Unisinos. Nota Capes 6). *E-mail:* <efendymaldonado@gmail.com>.

Data de submissão: 31.8.2018

Data de aceite: 20.11.2018

Revisão: Jiani Adriana Bonin

problem/object, the research's subject, transvestite communicating subject. The result is a critical reflection in the context of the construction of the communication research project. Contemplating the trans-methodology and critical thinking as a methodological horizon, an interdisciplinary dialogue is carried out with authors of communication, sociology, economics, philosophy and psychology.

Keywords: Methodology. Transmethodology. Subject. Exploratory research. Travestite.

1 Introdução

A proposta deste texto é refletir sobre os caminhos metodológicos para pensar na cidadania comunicativa de sujeitos travestis em Porto Alegre, RS – Brasil. Eles operam em ambientes de periferia social, econômica, cultural, de gênero; condição que problematiza o exercício da cidadania desses sujeitos, assim como o modo como interagem com os sistemas midiáticos. O desafio, então, é pensar numa arquitetura *transmetodológica* nas dimensões epistemológica, teórica e empírica que permita interagir com o sujeito da pesquisa (BOSI, 2004) em termos de equidade, respeito, confiança, cumplicidade com as pessoas que vão fazer parte do processo investigativo. Desse modo, na pesquisa, não somente intervém o pesquisador como sujeito ativo; os sujeitos da pesquisa, pessoas travestis, assim como seu entorno, vão marcar os caminhos, as táticas e as estratégias que vamos ter que desenvolver. A articulação da pesquisa com os sistemas midiáticos também demanda uma abordagem metodológica que inclua, além de produtos midiáticos, experiências e o trabalho que os jornalistas e editores podem ter (ou não) a respeito do tema de pesquisa. Assim, o foco da pesquisa não é somente o sujeito travesti, porque nos interessamos pelos aspectos multidimensionais que demandam construções metodológicas dialéticas e interdisciplinares (MALDONADO, 2013; BONIN, 2013), para nos permitir abordar problemáticas complexas como a cidadania comunicativa das travestis.

Considerando essa complexidade multidimensional constitutiva do objeto da pesquisa, encontramos, na *transmetodologia*, a possibilidade de pensar em termos dinâmicos, abrangentes, comprometidos e imaginativos, como propõe Mills ao pensar a imaginação sociológica que, como entende, “consiste em grande parte na capacidade de passar de uma perspectiva a outra, e no processo estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total de seus componentes”. (1975, p. 16). Assim, se estabelecem articulações teórico-metodológicas e empíricas que demandam

conhecimento, reconhecimento, bem como ocultamentos e desvelamentos do objeto de pesquisa, nas dinâmicas que propõem nos campos social e comunicacional (BOURDIEU, 2004).

Porém, não apenas o campo empírico faz demandas à dimensão metodológica. A dimensão teórica constitui um dinamizador do processo investigativo, o que permite enriquecer o olhar do empírico e ter maior sensibilidade para estabelecer as trilhas metodológicas e, desse modo, ir afinando o que podemos chamar de “olfato do pesquisador”. A complexidade multidimensional e *multicontextual* em que operam as pesquisas demanda sensibilidades, saberes e capacidade de estabelecer modelos metodológicos adequados a cada investigação. Portanto, a pesquisa com “receita pronta” fica questionada e obsoleta, já que não tem a capacidade de dar retorno aos desafios das problematizações no campo das ciências sociais e da comunicação, especificamente, o que nos coloca numa linha de pensamento crítica como horizonte metodológico-teórico-empírico. Segundo Maldonado;

uma opção epistêmica que permite configurar alternativas enriquecedoras de investigação é a linha (concepção) estratégica *transmetodológica* que se caracteriza por: confluência de métodos; entrelaçamento das lógicas diversas (formais, intuitivas, paraconsistentes, adutivas, experimentais e inventivas); estruturação de estratégias, modelos e propostas mistas, midiáticas, que inter-relacionem os vários aspectos das problemáticas comunicacionais. (BACHELARD, 1974; CASSIRER, 1977; JIAPIASSU, 1986). (2013, p. 33, grifo do autor).

É assim que nos encontramos com uma metodologia desafiadora, que opera nas problemáticas comunicacionais de modo a nos permitir pensar, criar, inventar, construir, confrontar, perceber, decidir e reconhecer os erros e encontros. Com essa compreensão, é possível pensar na responsabilidade da liberdade metodológica “como uma evolução do espírito que aceita variações que dizem respeito à unidade e à perenidade do *eu penso*”. (BACHELARD, 2001, p. 127, grifo do autor). Operando com honestidade, rigorosidade e curiosidade epistêmica, é preciso desdobrar o espírito para ir ao encontro do pensamento objetivo, do pensamento crítico, cuidando para não ficar no deslumbramento, na sedução do desconhecido e/ou do que pensamos conhecer, porque se pode perder a perspectiva da profundidade do problema/objeto. Nesse sentido, em vez de evoluir e produzir configurações complexas de compreensão da realidade, ficaríamos na acomodação da exterioridade, do bonito, na sedução da primeira sensação, do amor à primeira vista ao objeto. Muitas vezes, isso faz com que o pensamento objetivo, num primeiro momento da pesquisa,

fique no deslumbramento em vez de na dúvida e no questionamento, na priorização da satisfação íntima que abona o aparecimento do objeto imediato. (BACHELARD, 2001).

Nessa perspectiva, também penso a partir da percepção de Bosi (2003) que fala dos estímulos que o pesquisador recebe quando entra num ambiente novo; ela descreve o momento de atordoamento, confusão que precisará de tempo para fazer sentido. É assim que o sujeito-pesquisador está exposto a uma série de “tentações”, que deverão ser afrontadas a partir do fortalecimento do caminho da pesquisa reflexivamente trilhado e da construção de um percurso *transmetodológico*, que pode ajudar a afrontar tanto as dificuldades teóricas, filosóficas, éticas e o estancamento imaginativo, como os desdobramentos do processo da pesquisa. (BACHELARD, 2001; MILLS, 1975; MALDONADO, 2011, 2013; BONIN, 2011, 2013).

2 O sujeito-pesquisador

Quando se problematiza a configuração do sujeito-pesquisador, a partir do pensamento crítico na construção *transmetodológica*, pode-se reconhecer o lugar da pesquisa como sendo essa “ação de luta” em termos de Bachelard (2001), a partir de onde se pensam nos desdobramentos e as configurações epistêmicas, éticas, teóricas, metodológicas e empíricas para dar conta de uma pesquisa com um grupo social complexo e contraditório como é a população *travesti*. Um grupo social que se constrói a partir do repensar seu corpo e do interpelar a norma da biologia do corpo sexuado e a norma de sexo genérica do *sistema heterobinário* feminino-masculino. Haraway argumenta, nesse sentido: “Gostaria de investigar de que jeitos o campo da moderna biologia constrói teorias sobre o corpo e a comunidade como máquinas e como mercados capitalistas e patriarcais.”¹ (1995, p. 72, tradução livre).

Essa é uma problemática complexa que precisa de uma compreensão *multilética* que se refere “à compreensão de processos, fenômenos e *práxis* de inter-relacionamentos dialéticos, múltiplos, que expressam a densidade e a riqueza do concreto em movimento”. (MALDONADO, 2013, p. 41). Pensamos que essa capacidade *multilética* deve se imbuir de uma atitude crítica para superar os obstáculos epistemológicos em relação aos quais Bachelard (2001) alerta quando fala dos perigos de ficar em uma

¹ Texto em espanhol: “Quisiera investigar de qué manera el campo de la moderna biología construye teorías sobre el cuerpo y la comunidad como máquinas y como mercados capitalistas y patriarcales.” (HARAWAY, 1995, p. 72).

experiência inicial e construir, a partir daí, um falso espírito científico. Como havíamos dito no começo do texto, a rigorosidade e a liberdade na prática da investigação são aspectos cruciais à configuração do sujeito pesquisador. Pensamos que a construção de um pensamento crítico é um processo que deve ser cultivado na prática diária da observação atenta, da leitura contrastada, da percepção sensível, da imaginação liberada para aportar em um exercício de pesquisa comprometido com a transformação da sociedade.

O envolvimento do sujeito-pesquisador em termos *multiléticos* faz da pesquisa uma experiência reflexiva que pode se colocar no âmbito da paixão e, simultaneamente, se afastar do encantamento da experiência inicial, que fortalece a vontade sensível de entender o ser humano, a sociedade e sua configuração em termos políticos e históricos. Mills nos provoca: “Examinemos em detalhe os pequenos fatos e suas relações e os grandes acontecimentos impares também. Mas não sejamos fanáticos: relacionemos todo esse trabalho, continuamente e de perto com o nível da realidade histórica.” (1975, p. 28).

Não podemos esquecer a importância dos contextos e aspectos da sociedade onde se inserem nossos problemas/objetos. Bonin nos lembra que fazer ciência é um empreendimento coletivo, e é aí onde opera nosso esforço de pesquisa.

O compromisso com a realidade em que estamos inseridos (cujas dimensões incluem a política e a ética, entre outras), implica estar atento aos problemas relevantes colocados e suscitados por esta realidade, de modo que os conhecimentos possam responder aos problemas e desafios do seu tempo histórico. (2011, p. 23, grifo do autor).

Ao assumir o compromisso em termos do sujeito, ascendemos a uma experiência de envolvimento teórico, social, corporal, sensitivo, ao mesmo tempo individual e coletivo com o processo de pesquisa, entendida como o “artesanato intelectual”. (MILLS, 1975). Nessa reflexão metodológica sobre a configuração do sujeito pesquisador, destaco três dimensões para pensar sua *práxi* no processo de construção da pesquisa que estou desenvolvendo.

1) A percepção reflexiva do objeto empírico não fica somente no olhar dos sujeitos travestis. Ela perpassa a superficialidade para conseguir o relacionamento e a compreensão de seu entorno sócio-histórico, os processos comunicacionais e as interações com os sistemas midiáticos. Para entender esta percepção, citamos Bosi:

Se é verdade que cada ato perceptual, é um ato presente uma relação atual do organismo com o ambiente, é também verdade que cada ato de percepção é um novo ato. Ora “novo” supõe que antes dele aconteceram outras experiências, outros movimentos, outros estados do psiquismo. (1994, p. 45).

A experiência arquitetada a partir da percepção do objeto empírico se torna um sofisticado insumo na construção da metodologia e de seu futuro desdobramento. Nesse sentido, Alves adverte que a metodologia não está pronta: “Os estudos de metodologia e os mestres da linguagem reconhecem que o processo metodológico nasce das leituras do mundo e da palavra que o investigador realiza no interior das significações do discurso.” (2014, p. 101). Em nossa experiência, na percepção atenta do objeto empírico de referência, juntamente com o acompanhamento do sujeito da pesquisa, foi possível reconhecer a formulação de métodos baseados numa experiência inicial, da construção da realidade/real idealizada. É importante que o processo perceptivo tenha, como pano de fundo, o treinamento cotidiano, que permita fazer leituras do mundo e da palavra que vão além do sujeito para compreender os contextos e estabelecer diálogos entre os métodos, as observações e as teorias. Por essa razão, é preciso que a percepção seja atenta, crítica, reflexiva, que alerte sobre a existência de possíveis caminhadas que não são necessárias para poupar tempo e aplicar em outros procedimentos.

2) A confluência das teorias e a capacidade de mexer com conceitos, categorias e estabelecer um diálogo que permite pensar a complexidade da pesquisa, evidenciam, às vezes, momentos de confusão, de contemplação e crises, até que consigamos nos apropriar das teorias, para refletir junto com elas e interpelar os diferentes momentos da investigação. Porém, os questionamentos feitos não dizem respeito somente ao objeto, mas também ao pesquisador, porque interpelam sua existência na relação com o mundo. Nessa procura de confluências teóricas, tendo presente as contribuições dos autores citados anteriormente neste texto, vamos permitir trazer ao debate das metodologias, a teoria do existencialismo crítico de Sartre, que prioriza “a primazia da existência sobre a consciência”. (1963, p. 37). Ele coloca como uma afirmação de princípios:

La única teoría del conocimiento que puede ser válida hoy en día es la que se funda sobre esta verdad de la microfísica: el experimentador forma parte del sistema experimental. Es la única que permite apartar toda ilusión idealista, la única que muestra al hombre real en medio del mundo real. Pero este realismo implica indudablemente un punto de partida reflexivo, es decir que el

| *descubrimiento* de una situación se hace en y por la *praxis* que le cambia. (SARTRE, 2011, p. 37, *grifos do autor*).

Pensando no desafio que representa enfrentar a uma pesquisa com sujeitos *travestis*, a reflexão de Sartre (2011) de que o experimentador é parte do sistema experimental nos desloca até outra problemática, a da existência coletiva, em que a experiência da existência é compartilhada. Isso significa que o sujeito da pesquisa e seu entorno também formam parte do sistema experimental, o que nos convida a pensar em planejamentos éticos, em um caminho consequente como o pensamento crítico.

3) Os questionamentos éticos a respeito do trabalho com sujeitos que nos convidam a perceber a necessidade de relacionamento, mas sobretudo a responsabilidade pela compreensão que estamos operando em espaços de fragilidades humanas, onde se precisa trabalhar sob princípios de equidade, respeito, valorização social, econômica, cultural e cognitiva dos sujeitos. Nessa perspectiva, o sujeito *travesti* como núcleo da pesquisa será reconhecido como sujeito histórico, comunicante que tem *processualidade*, capacidade de decisão e autonomia sobre sua privacidade e compromisso com a pesquisa. A interação com os sujeitos se realizará a partir do respeito e da não *vitimização*. É preciso ter como pano de fundo os contextos onde opera o sujeito travesti, os corpos, os espaços. As teorias se constituem em materiais sofisticados e de extrema delicadeza que devem ser tratados com cuidado porque vamos falar de vidas, de existências individuais e coletivas. Talvez a pesquisa seja o pacto de leitura que o sujeito da pesquisa estabelece com a sociedade para se expressar por outros meios. Por isso, o tratamento dos dados recolhidos não é simples aplicação de ferramentas. Cada método, recurso, instrumento, tática, estratégia, técnica que realizamos no arranjo metodológico são previamente pensados, discutidos e formulados numa perspectiva crítica. (MALDONADO, 2007; BACHELARD, 2001; MILLS, 1975; BONIN, 2013). Para um jornalista, fazer uma entrevista talvez não seja difícil. A complexidade se coloca quando essa entrevista está atravessada por um pensamento crítico e tem que olhar ao “entrevistado” em termos de sujeito, de ser humano multidimensional, para entender a configuração de seu discurso e conseguir que a experiência seja significativa para a pesquisa e para o *entrevistado*.

Nesse sentido, é produtivo o desenvolvimento da atitude de simpatia que, na perspectiva de Bosi, “é uma afinidade pré-categorial do sujeito com o seu objeto, traz em si já uma intuição de ordem superior, que começa com a negação do óbvio e do já visto”. (2003, p. 116). O trabalho com os sujeitos da pesquisa requer paciência e constância, cada passo a dar com

eles é um momento de negociação, em que eles/elas permitem ao pesquisador entrar na sua intimidade, na sua experiência para aportar na pesquisa de modo solidário e cooperativo. Em muitas ocasiões, o sujeito da pesquisa obsequia seu tempo, sua vida, para que possamos fazer nossas investigações. Por isso, os questionamentos éticos são importantes, porque temos que reconhecer que, na frente ou ao lado, há sujeitos que em um ato de bondade, cumplicidade, ingenuidade, colaboram com você.

3 O problema/objeto da pesquisa

Conceber os objetos da pesquisa em termos *transmetodológicos* é pensar no problema/objeto numa construção que não está dada, não está pronta e não é um objeto fechado. É um objeto que vai se construindo na problematização, quando se dão os primeiros tensionamentos entre teoria e empiria. É a partir das perguntas, das respostas positivas e negativas, dos encontros e desencontros que acontecem, durante a arquitetura do projeto, da elaboração da metodologia, dos primeiros olhares do empírico com espírito científico, do trabalho de construção teórica, que o objeto de pesquisa vai tomando uma forma, que é fluida e está em constante aprofundamento. Por isso, no processo de pesquisa, o objeto nunca vai estar fechado e em estado de completitude. É compreendido em sua dinâmica dialética.

A problematização é chave no processo de arquitetura do projeto. Na construção do conhecimento científico, precisamos trabalhar a elaboração de uma problemática, cujo desdobramento e concretização dependem das relações de confluência e tensionamento entre as dimensões da teoria e da empiria. (PEDROSO; BONIN, 2012). Às vezes, temos que enfrentar um bombardeio de informações sobre o objeto de estudo que estamos construindo. Quando conseguimos identificar a razão de nossa existência científica, vamos nos encontrando marcas, rastros, leituras, dicas que vão assinalando a infinita capacidade de expansão que têm os objetos e temos que aprender a raciocinar, selecionar, treinar a percepção e a capacidade seletiva para obter o mais importante da informação que vamos coletando no caminho, para conseguir articular o objeto de estudo de nossa pesquisa. Segundo Mills, o raciocínio seria o modo mais econômico, em termos de tempo e energia, para formular um problema:

Raciocinando tentamos: a) isolar cada questão de fato que perdura; b) fazer as indagações de fato de tal modo que as respostas prometem ajudar-nos a resolver nossos problemas a través de novos raciocínios. As situações problemáticas têm que ser formuladas com a devida atenção às suas implicações teóricas e conceptuais,

e também aos paradigmas da pesquisa empírica e aos modelos de verificação adequados. (1975, p. 11).

É assim que chegamos à importância da problematização na construção do objeto de pesquisa; da problematização de cada uma das dimensões, já que é preciso que cada momento, cada processo da pesquisa ingresse na lógica de se problematizar. Isso significa questionar, interpelar, provocar, desestabilizar, de tal maneira que se possa aprofundar, desdobrar, modificar e evoluir a pesquisa, em todas as dimensões epistemológicas, teóricas, empíricas e metodológicas, tal como propõe Mills (1975) em um ato de ativação do raciocínio para delinear um plano amplo e, a partir daí, fazer os enfoques respectivos.

4 O objeto de estudo, o sujeito da pesquisa, o sujeito comunicante travesti

Na pesquisa que desenvolvo, o *sujeito comunicante travesti* é reconhecido como o sujeito da pesquisa; aproprio-me dos termos *sujeito da pesquisa* utilizado por Bosi (1994) no livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Para compreender os sujeitos-travestis, é preciso aproximar-se de um universo complexo, que opera na contradição de interpelar a e se adequar à lógica do sistema normativo que exclui. No Brasil, travesti é uma configuração identitária, política, rica em subjetividades, porque nomeia pessoas que se autodefinem como travestis. Não é uma categoria muito antiga, ela apareceu na década de 60 do século XX, no País, para falar de pessoas homossexuais que se vestiam com roupas femininas, glamorosas, apenas para fazer *shows*:

Enquanto na década de 1960 os travestis podiam ser vistos apenas durante o carnaval ou nos espaços fechados dos clubes gays e dos shows de travestis, os anos 70 assistiram a uma proliferação acelerada de travestis pelas calçadas do Rio, de São Paulo e de outras cidades grandes, vendendo o corpo em troca de dinheiro. (GREEN, 2000, apud CARVALHO; CARRARA, 2013, p. 324).

Para abordar essa problemática, será preciso acercar-se de dimensões e categorias que permitam refletir sobre a configuração do sujeito comunicante travesti. Assim, proponho aprofundar as dimensões epistêmica, empírica, social, comunicacional para abordar o gênero e o corpo performático, a cotidianidade, os processos de mediação e a relação com as instituições midiáticas em condições de marginalidade.

Então, nos engajamos com um objeto de estudo que responde a dinâmicas sociais e situações individuais, de se compreender, na marginalidade de uma sociedade do controle, que expulsa os indivíduos que ficam fora da normatividade e que mantém o sistema social da acumulação do capital. São as instituições de controle e regulamentação que atuam conjuntamente para que o sistema de normas se perpetue com a capacidade de disciplinar desde a ação humana até os corpos e a vida mesma. (FOUCAULT, 2005).

Em sua análise das teorias críticas da dominação e da filosofia da emancipação discutidas pelos pensadores franceses Bourdieu e Rancière, Corcuff cita duas perspectivas que podemos acreditar que são dois lugares de fala: as teorias críticas da dominação no campo da sociologia (Bourdieu) e a filosofia da emancipação (Rancière) ante essa disputa teórico-filosófica, num ato heurístico. Corcuff procura uma terceira via, que seria a de considerar as capacidades e incapacidades dos dominados e a partir daí gerar outro espaço de teorização:

A partir de aqui se libreria um espaço para uma crítica sociológica *comprehensiva* (tomando en cuenta el sentido que los actores confieren a sus acciones em un marco intersubjetivo) y *pragmática* (tomando en serio las capacidades de los actores). Sin embargo, aun así seguiríamos teniendo un equilibrio inestable entre la lógica de las incapacidades y la lógica de las capacidades: es lo que el pensador autodidácta y libertario Pierre-Joseph Proudhon (1977, p. 206) llamaba “una equilibración de los contrarios. (CORCUFF, 2015, p. 71-72, grifos do autor).

A partir de experiência com o sujeito-*travesti*, que vive em condições de marginalidade e marginalização (e de subversão com respeito às normas de disciplinamento do corpo) é possível ver que o sistema de acumulação de capital que responde a um poder hegemônico de dominação constrói mecanismos de dominação que são reproduzidos e atualizados pelas instituições normativas de regulamentação. (FOUCAULT, 2005), Esses que, de modo estratégico, se legitimam na sociedade.

O problema não é somente do oprimido, que tem que se emancipar; existe uma sociedade que está convencida de que a norma lhe permite viver bem. O oprimido, marginalizado, também está inserido nessa estratégia de normalização e na lógica do disciplinamento. Além de ter que respeitar e cumprir a norma, o oprimido também tem que trabalhar em condições de exploração para sobreviver. A marginalização, no caso das *travestis* é estrutural, porque elas habitam a marginalidade econômica que se deve a uma marginalidade social, educativa, cultural, familiar, o que ocorre pela má-distribuição da renda/capital.

Com Piketty (2014), entendemos que “a disparidade de renda resulta em parte, da desigualdade da renda do trabalho, e, em parte, da desigualdade ainda mais forte da renda do capital, que decorre da extrema concentração da riqueza.” (2014, p. 56). Esta é a realidade da polarização e o maior problema do mundo, a *extrema concentração de riqueza*. Não é que não existam fontes de trabalho por falta de recursos, o modelo de desenvolvimento é pensado para que existam setores marginais e seres em condição de opressão estrutural. Então, o sujeito em opressão não é o que não tem capacidade de se emancipar. Ele a tem, com certeza, porque está demonstrando ao mundo que ele sobrevive nas piores condições, que o sistema do poder hegemônico criou e, desde esse lugar, entende que é preciso aportar para que o sistema continue.

Por isso, a população em condições de marginalidade opera na *contradição*. É a situação de *contradição* à lógica das marginalidades e dos oprimidos. Portanto, não operam só numa relação de contrários. Essas contradições são observadas, também, no campo comunicacional e desde outras abordagens e olhares inventivos como argumenta Maldonado:

La contradicción clave entre fuerzas inventivas culturales, científicas, técnicas, políticas, sociales, y los sistemas de control, vigilancia, represión, exclusión y explotación continúan generando fuertes embates en todas las regiones del globo. (2015, p. 223).

O sujeito-*travesti*, no campo comunicacional, é compreendido como um sujeito produtor de sentido, capaz de construir narrativas a partir das mudanças no seu corpo, sua realidade socioeconômica marginal e marginalizada e seu lugar de enunciação situado na periferia do corpo sexuado, do gênero binário e do imaginário social. Nessas condições, a *travesti* tem que desenvolver modos de se comunicar com a sociedade, entre a clandestinidade de seu corpo e o reconhecimento de uma identidade sexo-genérica própria e contraditória que se configura de modos diversos, às vezes padronizados e outras, não. No entanto, seu sentido de pertença se identifica com o desejo de se autodenominar como *travesti*.

É nessas configurações sociais que acreditamos ser possível nos encontrar com um pensamento sofisticado, que está ocupando espaços políticos, culturais e acadêmicos para pensar sociedades diversas desde uma perspectiva de resistência ou de sobrevivência, como resposta a um sistema que articula os mecanismos disciplinares e regulamentadores do poder. Como observa Foucault, “os mecanismos disciplinares do corpo e os mecanismos regulamentadores da população são articulados um com outro”. (2005, p. 284).

Entre os sujeitos-travestis, o mecanismo disciplinar do corpo sexuado-culpado é a sexualidade; já os mecanismos disciplinares do corpo biológico-doente são as ciências da saúde, que se articulam com os mecanismos de regulamentação através do gênero binário (masculino e feminino). A categoria *gênero* pode ser entendida como elemento regulador da ordem social, sequestrada pela lógica biologista do sexo, para dar nome aos corpos: *homens* para o corpo com pênis e *mulheres* para o corpo com vagina. O gênero também é funcional na organização das forças produtivas, na divisão do trabalho, no uso do espaço público e do espaço privado. Nessa articulação, as *travestis* ficam fora do sistema, a *identidade travesti* não tem correspondência com o feminino nem com o masculino, portanto, não existem para o Estado e para a sociedade. O castigo é a marginalidade, a exclusão laboral, o trabalho sexual naturalizado na pele das travestis.

5 A *cidadania comunicativa* como exercício cidadão

Na compreensão teórica, a cidadania tem herança da filosofia do sujeito e de sua relação como o Estado, também se pode incluir a teoria da esfera pública e da esfera privada e os modos como o cidadão faz gestão e gera condições para construir as esferas públicas como um exercício de cidadania. (RUEDA, 2012). Nas primeiras aproximações da compreensão teórica de cidadania, vamos entendê-la como uma categoria abrangente que inclui direitos, deveres, subjetividades, relações de poder, desejos, instituições do estado e da sociedade. Estamos falando de uma *dimensão* que vai além da compreensão de categorias e além do dispositivo. Ainda mais, nossa preocupação não é somente o exercício de cidadania, nossa pesquisa está focada no exercício da cidadania comunicativa que tem sua própria ancoragem, relacionada aos processos comunicacionais.

A comunicação cidadã é um campo de luta e criação que deve ser assumido mediante a confluência transmetodológica de estratégias, táticas e culturas, que configurem dimensões de conhecimento, liberdade, arte, prazer e energias produtivas. (MALDONADO, 2012, p. 29).

Nessa perspectiva *transmetodológica*, nos propomos lançar outros olhares a partir das teorias SUL SUL, com Santos e a sociologia das ausências, para pensar na cidadania, no reconhecimento, e na recuperação das experiências, iniciativas e concepções que foram eficazmente suprimidas

pelos instrumentos hegemônicos. (SANTOS, 2006). A proposta contra-hegemônica de reconhecer e apreender da riqueza de saberes e experiências das diversidades raciais, étnicas, etárias, sexo-diversas se coloca como uma opção de estudar as periferias como espaços vivos, que constroem narrativas de vida para se autorrepresentar e alimentam as subjetividades do entorno imediato e também da centralidade.

Deixamos de olhar as periferias como o espelho da centralidade. Nessa viagem *transmetodológica*, para entender a cidadania comunicativa em contextos de periferia, entramos em diálogo com a Filosofia da Libertação com o filósofo Dussel. Ele propõe pensar a relação periferia/centralidade no reconhecimento do *outro* diverso, do *outro* periférico à centralidade hegemônica, no nível filosófico, explicando o método *analéctico*, como a interpelação do *outro* e a afirmação da existência do *outro*. Ele vai além, para dizer que o *outro* periférico se reconhece, toma consciência da sua existência como o *outro* periférico.

Desde la interpelación del Otro, y como su respuesta, la afirmación del Otro como otro es el origen de la posibilidad de la negación de la negación dialéctica (esto es lo que denominé el «método analéctico» o de «afirmación originaria» del Otro). Habíamos tratado, de manera explícita, toda la problemática del «pasaje» dialéctico (desde un momento afirmativo de la alteridad: «analéctica»). (DUSSEL, 1988, p. 21, grifos do autor).

Temos parceiros teóricos na procura de olhares emergentes relativos às cidadanias comunicativas, por meio da compreensão da multiplicidade de mundos que o povo constrói. Não temos um mundo só, temos muitos espaços que são retocados, deslocados para construir outras paisagens com tonalidades e cores diversas. Nessa diversidade, queremos entender a população *travesti* e as múltiplas possibilidades que elas podem trazer ao exercício da cidadania comunicativa. É preciso arriscar marcos conceituais, experimentos empíricos para nos relacionarmos e conhecermos “cidadanias outras” que estão *bombando* nas ruas e nas periferias das cidades latino-americanas. (RUEDA, 2012).

Também olhando as dificuldades no exercício da cidadania comunicativa, problematizamos a existência de um exercício efetivo por parte das periferias. Nesse sentido, reflito que a travesti da rua, que não disputa o poder, disputa o direito a ser, o respeito a uma identidade que está sendo fragmentada e violentada o tempo todo. Os dados sobre as mortas na rua por violências são alarmantes. Referentemente ao ano de 2018, a Associação de Travestis e Transexuais (Antra) se reporta à morte de quatro pessoas da comunidade. Assim, o exercício de cidadania comunicativa passa pela luta pela vida em populações de periferia.

6 A pesquisa exploratória

Na sequência, vamos fazer uma reflexão sobre a pesquisa exploratória, porque foi o motor de uma fase do trabalho inicial com pessoas-travestis que desencadeou encontros, desencontros, abertura de novas trilhas, auxiliou a abandonar o falso deslumbramento do novo, a olhar com mais sensatez e ancorar o processo de construção da pesquisa como a prática central da produção de conhecimento comprometido com as dinâmicas sociais.

A pesquisa exploratória ajuda a estabelecer os diálogos iniciais entre a dimensão empírica e a teórica, abrir e mexer arranjos metodológicos, assim como conhecer e/ou reconhecer os contextos onde opera o objeto empírico. Quando no objeto empírico se tem a participação de sujeitos, cidadãos (como ocorre com nossa pesquisa), é preciso problematizar os modos como o pesquisador vai gerar laços e interagir com os sujeitos, com os contextos que, possivelmente, não conhece em profundidade. É na pesquisa exploratória que se estabelecem vínculos de simpatia, empatia, confiança no devir (espaço-tempo) da cotidianidade para dar conta das realidades empíricas que pretende abordar.

Além disso, é preciso facilitar os primeiros contatos até chegar a um engajamento, envolvimento, cumplicidade e respeito mútuo em longo tempo, já que, como pesquisadores (as), vamos ter o privilégio de acessar experiências, vivências e lembranças pessoais que podem se tornar conversações muito íntimas e sensíveis, ou seja, as pessoas vão nos confiar parte de sua vida. Portanto, é preciso ter clareza ética, percepção, conhecimento metodológico (para nomear algumas condições do pesquisador) para saber os limites com os quais vamos lidar quando interagirmos com sujeitos.

Desse modo, é possível pensar juntamente com Bosi, que “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa”. (1994, p. 38). Nesse sentido de colaboração, lendo Maldonado, pensamos que nessa fase da pesquisa exploratória, foi preciso arquitetar uma rede híbrida (CALLON; MALDONADO, 2007), na qual interagiram grupos de *travestis*, seus entornos sociais, os sistemas midiáticos, as tecnologias de transformação que usam as *travestis* (silicone, próteses, cirurgias, maquiagem, tatuagens), e os aparelhos tecnológicos, como a câmara de fotos, o gravador, os dispositivos telefônicos e os aplicativos, especialmente o *Whatsapp*, o correio eletrônico, para nos comunicarmos com a população. Assim, todos os elementos foram dialogando e foi possível representar e registrar, por meio da fotografia, do áudio, os corpos travestis que não podem ser descritos, porque não se consegue chegar à sofisticação que carregam. Pensando com Maldonado (2007), nas possibilidades que a *transmetodologia* permite, fizemos uma hibridação de métodos e

procedimentos adequados à nossa pesquisa e, por meio da fotografia e do áudio, tentamos traduzir para nós e para a sociedade corpos que se representam por si.

Desde essa perspectiva, o pesquisador não é somente um escavador de dados, ele se constitui num sujeito mediador² que, em parceria com o *outro* (sujeito individual ou sujeito coletivo), está gerando processos de compartilhamento e reconstrução de saberes, experiências baseadas em confiança, compreensão e respeito. Como reflete Bonin, sobre as contribuições que a pesquisa exploratória traz à construção investigativa, “as pistas relativas ao fenômeno investigado, geradas através delas, facilitam a construção, a concretização dos problemas/objetos investigados; permitem trabalhar na elaboração de configurações teóricas sensíveis aos objetos concretos da realidade comunicacional”. (2012, p. 53). Para além dos sujeitos, em termos de contextualização, é preciso perceber entornos, contextos, relações, inter-relações que permitem que se tenha um olhar mais abrangente das realidades comunicacionais que estamos problematizando.

Referências

ALVES, Luiz Roberto. Comunicação, cultura e bem-público: convergências metodológicas sob desafios. In: MALDONADO, A. E. *Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital*. Salamanca: Comunicación Social, 2014. p. 101-120.

BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al (Org.). *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

_____. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. do (org). *Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 23-42.

² Em termos de Silverstone (2002) a mediação implica um movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, está em constante transformação.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

----- . *Velhos Amigos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

_____. Entre a opinião e o estereótipo. In: _____. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 113-126.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Edunesp, 2004.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 14, ago. 2013.

CORCUFF, Philippe. ¿Qué ha pasado con la teoría crítica? Problemas, intereses en juego y pistas. México, *Revista Cultura y Representaciones Sociales*, v. 9, n. 18, p. 63-79, 2015.

DUSEL, Enrique. *Un proyecto ético y político para América Latina*. Barcelona: Anthropos, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. São Paulo: M. Fontes, 2005.

HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza*. Madrid: Cátedra, 1995.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. (Org.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios na prática investigativa*. Salamanca: Comunicación Social, 2013. p. 31-57.

_____. *Epistemologia de la comunicación: análisis de la vertiente Mattelart en América Latina*. Quito: Ciespal, 2015.

_____. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. (Org.). *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre, Sulina, 2011. p. 277.

_____. A transmetodologia no contexto latino-americano. In: MALDONADO et al (Orgs.). *Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação*. Rio do Sul: Unida VI, 2012. p. 21-41.

MALDONADO, Tomás. *Memoria y conocimiento: sobre los desafíos del saber en la perspectiva digital*. Barcelona: Gedisa, 2007.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIKETTY, Thomas. *O capital no século XX*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PEDROSO, Dafne; BONIN, Jiani Adriana. Metodologia no processo investigativo: a construção da arquitetura teórico-metodológica de uma pesquisa de recepção cinematográfica. Curitiba, *Interim*, v. 13, p. 1-18, 2012.

RUEDA, Rocío. Cibercidadanias, multitud y resistencias. In: LAGO, Silvia (Compil.). *Ciberespacio y resistências: exploración en la cultura digital*. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012. p. 333-360.

SANTOS, Boaventura Souza. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica de la razón dialéctica*. Buenos Aires: Losada, 2011.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.